

A MATERNIDADE NOS DISCURSOS DE CELEBRIDADE EM CATARINA FURTADO

ANA JORGE

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS – UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Resumo

Se, de um ponto de vista habermasiano, a cultura das celebridades significa uma certa feminização do espaço público, procuraremos explorar as potencialidades e limitações da cultura das celebridades tanto para o discurso de género e dos direitos humanos das mulheres como para a inclusão das mulheres como audiências do discurso público.

Este artigo analisa os discursos em torno da maternidade engendrados pela figura célebre de Catarina Furtado, em dois planos: por um lado, enquanto embaixadora da Boa Vontade da Agência da População das Nações Unidas, comprometida em promover o 5º Objectivo de Desenvolvimento do Milénio, relativo à melhoria da saúde materna, com incidência nos países lusófonos, particularmente os africanos (PALOP); por outro, enquanto celebridade que articula a sua experiência da maternidade com as esferas da sua carreira e actuação pública.

Com enfoque especial na última campanha de Catarina Furtado na ajuda à saúde materna na Guiné-Bissau, procuraremos sublinhar os contrastes entre a imagem de maternidade ideal de uma celebridade ocidental, muito embora ela própria influenciada pelo fluxo global das celebridades (por exemplo, pela figura de Angelina Jolie como Embaixadora para os Refugiados), e o seu retrato sobre a maternidade no pobre país africano.

Este contraste assenta sobre o individualismo da cultura ocidental, associado ao reconhecimento e privilégio de poucos pela maioria e também na base do consumismo que caracteriza esta cultura. Assim, os discursos de maternidade, carreira e consumo surgem ligados na figura de celebridade de Catarina Furtado, construindo-se como um modelo ocidental de sucesso por contraste à condição feminina da mulher dos PALOP.

Palavras-chave

Maternidade; Celebridade; Nações Unidas.

Introdução

Nos últimos anos, são cada vez mais as celebridades globais que tentam mobilizar a atenção pública para questões sociais e políticas, seja com uma agenda própria seja por nomeação de instituições com poder. A natureza, a escala e o âmbito da diplomacia das celebridades variam, mas parece haver um reconhecimento, desde o mais alto nível das Nações Unidas (NU) até ao nível mais local de acções de solidariedade, de que as celebridades podem servir não só para divulgar acções de instituições mas também para mobilizar a opinião pública em torno de questões sociais (Cooper, 2008; Street, 2001). As tensões que se geram entre a esfera do entretenimento e a trivialidade com que as celebridades são associadas, por um lado, e uma esfera de acção pública e política, por outro, não significam que se possa repudiar esta esfera como um todo, mas obrigam a uma análise mais cuidada que permita reconhecer as potencialidades e as limitações deste discurso na esfera pública contemporânea (Van Zoonen, 2005; Lumby, 1999).

Este texto pretende reflectir sobre essa capacidade do discurso das celebridades em trazer questões de género para o debate público a partir da análise da narrativa de celebridade de Catarina Furtado em torno dos discursos de maternidade, quer no seu plano pessoal e da sua experiência de família, bem como na articulação com a sua carreira televisiva, quer no plano público das suas acções como única Embaixadora de Boa Vontade das NU em Portugal e para o espaço lusófono.

A nomeação de Catarina Furtado como Embaixadora de Boa Vontade do Fundo para a População das NU (FNUAP), dedicado às mulheres e crianças, insere-se na política de comunicação da organização, lançada de forma sistemática sob o secretariado-geral de Kofi Annan, seguindo experiências anteriores com figuras do entretenimento a chamar a atenção para o desenvolvimento e sobretudo o legado da Princesa Diana. As celebridades ajudariam as NU a personalizar e humanizar a comunicação da organização, contribuindo para diluir a fronteira entre as políticas institucionais e a sociedade. A visão de Annan para a *celebrity advocacy* passaria por uma pressão sobre a opinião pública e desta sobre os governantes, o que denuncia uma visão bastante ingénua e, aliás, tributária de uma visão do Norte, e especificamente norte-americana (Alleyne, 2005), em que a agenda seria estabelecida pelas elites, que deveriam depois mobilizar a população para pressionar os políticos.

Em Portugal, com laços culturais com as suas antigas colónias, a braços com o subdesenvolvimento¹, Catarina Furtado foi escolhida pelas NU para ser a Embaixadora da Boa Vontade pela sua visibilidade pública e pela posições assumidas sobre os direitos das mulheres. Em 1999, Catarina Furtado era “a namoradina de Portugal”, título que continua a ressoar em entrevistas de perfil, especialmente aquando do seu casamento, em 2005 (*Correio da Manhã*, 3/7/2005). A sua fama estava ligada à do seu pai, o jornalista Joaquim Furtado, que anunciara a revolução democrática ao País ao ler o comunicado do movimento militar, em 1974. Formada em dança e também em jornalismo, trabalhou em jornalismo radiofónico até começar, com 20 anos, a apresentar um *top* musical na televisão pública. A sua ligação à música seria reforçada e para sempre fixada com a sua apresentação do programa “Chuva de Estrelas” (*SIC*), em 1993, que viria a ser um sucesso de audiências estrondoso dos primeiros tempos das televisões comerciais. Os trabalhos de apresentação nesta televisão comercial colocaram Catarina Furtado no epicentro de um novo momento dos media, que se estavam a adaptar a novas formas de fazer televisão, até ali monopolizada pelo Estado, com as revistas a lançarem múltiplos rostos “famosos”. Entre 1995 e 1997, estudou representação em Londres, o que lhe permitiu arrefecer a sua exposição e reposicionar a sua carreira. Em 1998, o *single* “Solta-se o Beijo”, grande sucesso musical do ano, que Catarina escreveu, torna-se o símbolo público da sua relação com um músico conceituado mais velho, João Gil, que compôs a música, embora ela não tenha exposto a sua vida privada às revistas de uma forma directa. Continua a trabalhar na televisão privada, mas passa a investir na sua carreira de actriz, em telenovelas, teatro e também cinema, participando em vários filmes de uma indústria de cinema também em expansão. Nas palavras da própria, “Acontece imensas vezes perguntarem-me nos *guichets*: ‘Que profissão é que ponho?’ Uns dias respondo ‘Apresentadora’, outros dias digo ‘Actriz’” (*Máxima*, 12/2006). A sua carreira diversificada, oscilando em permanência entre apresentação, representação em televisão, cinema, teatro, e dança, constitui um primeiro nível do seu estatuto de celebridade, com que irão interagir os discursos sobre a sua vida privada e a sua actuação enquanto Embaixadora.

1. O processo de descolonização levou a um redesenhar das alianças internacionais, que foram activadas mais rapidamente no sentido da integração europeia, com a adesão em 1985 à então Comunidade Económica Europeia, do que no refazer das relações com os antigos países colonizados e de língua oficial portuguesa, sendo a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) criada em 1996, englobando os países africanos de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, também reunidos nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), e Brasil e (em 2002) Timor-Leste (Pinto, 2005).

Embaixadora maternal

Depois do seu regresso a Portugal, Catarina Furtado começa a colaborar com a Associação de Planeamento Familiar (APF), parceira em Portugal do FNUAP. Em 2001, é oficialmente nomeada Embaixadora de Boa Vontade para essa agência, que promove a igualdade de direitos e oportunidades, com especial incidência na redução da pobreza e saúde materna, combate ao VIH/SIDA e igualdade de género; a sua geografia de acção, determinada a nível central pelo FNUAP, é a dos países lusófonos, particularmente os PALOP. Logo em 2001, promove uma viagem a Moçambique, acompanhada por deputados da Comissão Parlamentar para a População e Desenvolvimento e pela APF, com o objectivo de sensibilizar populações e governantes daquele país para a realidade do VIH/SIDA, com cobertura da revista de sociedade *Lux*, da *S/C* e dos media moçambicanos².

O seu estatuto sem paralelo em Portugal, com o reconhecimento das NU, bebeu da sua imagem pública anterior, mas veio conferir-lhe nova dimensão. O primeiro é um argumento repetido em vários momentos: na sua primeira reunião com outros Embaixadores de Boa Vontade em Paris, em 2001, com cobertura da *Caras* (10/11/2001), enquadra a sua solidariedade como formação familiar, dada sobretudo pela mãe (“Aprendi com a minha mãe a ser solidária”). Pretende tornar esta acção como natural em si, para se distinguir do oportunismo, como afirmará mais tarde, de “outras figuras públicas” (*RTP1*, 1/2/2008). No documentário da sua biografia, o pai, Joaquim Furtado, e também o agente, Rui Calapez, repetem que as NU é que a escolheram pela sua imagem anterior, porque encaixava na sua educação e personalidade (*Biography Channel*, 25/2/2009). Os pais testemunham como o espírito de solidariedade está nela desde pequena, ao que Catarina acrescenta: “Acho que nasceu comigo”, e é por isso que é a única parte em que deixa que abusem da sua imagem: é o “lado bom” da fama (*Correio da Manhã*, 13/7/2009).

No entanto, esta imagem de sensibilidade e felicidade familiar, que mais tarde será completada com o seu retrato de maternidade, parece ter sido refundada com o próprio estatuto de Embaixadora, reconhecendo Catarina em 2007: “Sabe quando se diz ‘Era uma pessoa antes e agora sou outra?’ É isso, nitidamente. Viajo para países onde falta tudo e fico mais consciente do que é o mundo. Fiquei mais realista e com um dicionário de emoções mais apurado e rico” (*Elle*, 10/2007). Esta “missão” – e não

2. In http://www.facetoface.org/nl_mayjuly2001.html, consultado em 12-Nov-2008.

“cargo”, como ela diz (*Expresso*, 2/4/2005) – permite-lhe conviver e ascender ao estatuto de outras celebridades internacionais (Geri Haliwell, em 2001, e Angelina Jolie, como veremos, mais recentemente), para além de ser a única Embaixadora de Boa Vontade em Portugal e para um espaço cultural considerável, que compreende 230 milhões de pessoas, feito que lhe valeu reconhecimento do Presidente da República com o título de Comendadora, em 2005, a mais nova a recebê-lo.

Desta forma, a sua vida privada estava ligada à sua actuação pública enquanto Embaixadora desde o início, o que era visível nessa primeira capa da *Caras*, em 2001, com os destaques de capa: “Embaixadora de Boa Vontade da ONU namora há cinco anos com João Gil” e “Casar e ter filhos não é obsessão, é uma vontade”. Mais ainda, a sua carreira ligou-se progressivamente à sua função de Embaixadora, sobretudo com o seu regresso ao serviço público de televisão, em 2003, para apresentar o *reality-show* (embora ela não o considere como tal – *Sol*, 27/9/2008) “Operação Triunfo”, uma escola de música em formato de concurso. Esse enquadramento no serviço público permitiu-lhe distanciar-se de uma televisão mais comercial, mais aguerrida depois de 2000, e estabelecer-se de forma mais credível, bem como lançar projectos que fundem o entretenimento e causas públicas ou políticas: é ela quem habitualmente apresenta galas de variedades dedicadas a solidariedade promovidas por outras entidades, como a gala do “Pirilampo Mágico” (2004), dedicada a crianças deficientes, a quem a sua mãe dedicou a carreira enquanto professora; “Causa Maior” (2008), dedicada aos séniores; o espectáculo de encerramento do Ano Europeu do Diálogo Intercultural (2008), onde ostenta o mesmo *glamour* e projectando uma presença de sensibilidade. Apresentou outros projectos em que a música e o entretenimento se juntavam a uma posição pública mais activista, como “Hip Hop Pobreza Stop” (2008) e “Aqui é o Meu Bairro – Cova da Moura” (2008), onde ia ao encontro das comunidades imigrantes, sobretudo de segunda geração. Catarina Furtado projecta a função de entreter e ensinar do serviço público português, noção que lhe permite situar-se na esfera do “bom entretenimento”, por oposição ao entretenimento comercial: “o entretenimento, quando é bom, é serviço público” (*Sol*, 27/10/2008).

Furtado mantém uma acção permanente em Portugal, na sensibilização para comunidades excluídas e também na educação sexual, em articulação com a APF. Um artigo do *Expresso* (2/4/2005) dava conta de uma dessas acções, na associação e junto de escolas, compensando a ainda deficiente educação sexual nos currículos portugueses. Contudo, é a sua acção internacional que lhe granjeia maior atenção, estruturada normalmente com uma angariação de fundos em Portugal para projec-

tos concretos nos PALOP, onde vai expressamente entregar esses apoios, evento a que ancora uma mediatização que lhe permita expandir a sensibilização. A estratégia de Catarina Furtado para angariar verbas para os projectos que mantém em cooperação com o FNUAP é assumida repetidamente como sendo emocional: “quando se apela ao coração e quanto se chega lá, as pessoas ajudam” (*Rádio Renascença*, 16/1/2008) ou “tenho que fazer as pessoas emocionarem-se, porque se as pessoas se emocionarem ajudam” (*Biography Channel*, 25/2/2009); ou ainda “o meu objectivo com este documentários é tentar tocar o coração das pessoas. Sei que se o fizer, aqueles que puderem ajudar vão continuar a ajudar” (*Sol*, 27/9/2008). Reconhece que explora o sofrimento de outros, quando confrontada por um jornalista, porque “não há outra forma de o fazer” e, além disso, preocupa-se em “proteger a dignidade dessas pessoas” (*ibidem*). Essa é uma estratégia necessária para fazer frente às dificuldades de financiamento em Portugal: “tenho um minipoder que me deu confiança para ir para a frente com as ideias que tenho, apesar de não ter quase nenhum bolso de manobra. Não é um trabalho remunerado, em Portugal há dificuldades de apoio, mas eu mexo-me para conseguir as coisas” (*Máxima*, 12/2006). As dificuldades que a sua acção enfrenta num país em que a solidariedade era tradicionalmente mais exercida nas comunidades próximas (Santos, 1993) do que através dos media só fazem sobressair a sua iniciativa. Além da sensibilização, a exposição da acção faz parte de uma estratégia de responsabilidade e de eficácia (*accountability*), tal como fizeram Angelina Jolie para a *MTV* ou Bob Geldof para a *BBC*: “mostro o que é que foi feito e onde é que foi utilizado esse dinheiro, e só assim faz sentido porque sabe-se que há muita corrupção” (*Rádio Renascença*, 16/1/2008). Nesse aspecto, e mais uma vez, a *RTP* oferece-lhe condições únicas, visto que os seus programas são também transmitidos nos canais internacionais do serviço público, nomeadamente *RTP África* e *RTP Internacional*. Exemplo desta estratégia foi a sua campanha para São Tomé e Príncipe, em que lançou uma campanha com a APF e o Rotary Club para angariar fundos para uma unidade móvel de saúde sexual e reprodutiva, que foi entregue em 2004, com divulgação nos vários canais da *RTP*.

A sua divulgação em documentários não pretende ser jornalística e, portanto, escapa à objectividade, redundando muitas vezes na glorificação dos voluntários, sobretudo ocidentais (Littler, 2008), como aconteceu na série de 13 documentários “Príncipes do Nada”, dedicados aos voluntários nos países em desenvolvimento de expressão portuguesa. De alguma forma, tal como o padre em Moçambique de quem Catarina Furtado diz que só pensa “servir esta grande família sem pensar em recom-

pensas” (*RTP*, 2005/06), também a própria apresentadora constrói uma imagem de sacrifício ao referir o seu nível de risco pessoal ao ter viajado grávida para esses países, como fala na divulgação do programa (*Vogue*, 05/2006).

Entre resguardar e revelar

Foi sobretudo depois de 2004 que a sua carreira e vida pessoal se começaram a misturar cada vez mais, quando, como actriz numa série de ficção, *A Ferreirinha*, Catarina Furtado contracena com João Reis, com quem se casaria no ano seguinte, “numa cerimónia envolta no maior secretismo” (*Correio da Manhã*, 3/7/2005). “O público nunca se habituou a ver-me na minha casa ou no meu carro, em situações privadas. Se nunca fiz isso, por que é que havia de mostrar o meu casamento?”, dizia Catarina numa entrevista durante a sua primeira gravidez (e depois de regressar das filmagens de “Príncipes do Nada”), onde posou para uma produção de moda, tal como faria de novo no mês seguinte noutra revista (*Activa*, 6/2006) e, no ano seguinte, aquando da segunda gravidez (*Elle*, 10/2007); reflectindo também sobre a sua vida familiar e carreira noutra entrevista intermédia (*Máxima*, 12/2006). Ou seja, a sua maternidade renovou os motivos de exposição mediática, projectando-a de uma forma glorificada, e de aproximação a um público feminino.

Assim, se mistura carreira, fama, família, maternidade e activismo nos seus discursos, essas referências são por vezes mais feitas por evocação do que pela presença: “quero ser apreciada pelo meu trabalho e não por ter filhos bonitos ou feios, ou por me mostrar nas revistas com eles. Isso é confundir tudo. Eu apenas mostro o meu trabalho, e é lógico que falo um bocadinho mais para que as pessoas me conheçam melhor e saibam aquilo que penso em relação a este mundo tão desajustado” (*Caras*, 23/1/2009). Embora Catarina se refira amiúde ao seu casamento e à maternidade, o próprio marido faz aparições muito espaçadas e os filhos são resguardados da atenção pública: “eu cresci em directo, mas sempre soube que ficava mais pobre se mostrasse o meu baú de afectos. (...) E, agora com filhos, estou também a preservar a identidade deles porque não sei se alguma vez eles me vão apontar o dedo e perguntar porque é que eu os expus. O meu pai nunca me fez isso” (*Elle*, 10/2007). O facto de trabalhar durante a sua gravidez e depois do parto, referindo-se até à amamentação aos seus filhos nos intervalos dos programas (*Sapo Fama*, 12/12/2007), ajuda a promover a visibilidade da mulher grávida e profissional, mas celebra sobretudo a sua própria

conciliação entre trabalho e vida familiar. O marido, contudo, sublinha o compromisso entre estas esferas, ao dizer que ela se sacrifica, porque quer ser “uma mãe muito presente” (*Biography Channel*, 25/2/2009). Ou seja, a um nível individual da narrativa de Catarina Furtado, a conciliação entre, e separação de, a sua maternidade, o trabalho e a actuação pública é apresentada como remediada, planeada e bem sucedida.

Esta reserva em relação a aparecer em eventos mais comerciais com o marido ou a mostrar os seus filhos ajuda Catarina Furtado a distinguir-se da vaga de “novos famosos”, celebridades mais efémeras e com uma exposição mais saturada, com pouco poder de negociação em relação aos media (Turner *et al.*, 2000; Gamson, 1994). “Preciso das revistas em geral quando tenho um novo programa e quero promovê-lo. Mas, para ser totalmente sincera, acho que não preciso em mais nada. Fica ao critério delas saber se precisam de mim, mas acho que poderíamos dançar muito melhor” (*Sol*, 27/9/2008). Por conseguinte, há uma dialéctica que se forma entre a intimidade que Catarina Furtado propõe ao espectador, o nível de exposição da sua vida, e a distância que imprime a essa relação. Por outras palavras, não é apenas uma personalidade televisiva transparente (Langer, 2006), mas que revela e esconde, de tal forma que não é apenas mais uma celebridade, mas um pivô nessa cultura, com poder para definir o seu discurso de celebridade.

Assim, além da educação familiar, do trabalho e do estatuto de Embaixadora de Boa Vontade, também a sua experiência de maternidade lhe permite solidificar a sua dimensão de celebridade e projectar uma imagem de sensibilidade. Numa visita a uma maternidade em Portugal, afirmava que “a maternidade fez com que ficasse ainda mais atenta” (*Correio da Manhã*, 31/10/2008) e, numa dessas ocasiões em que precisou das revistas para promover o seu programa da *rentrée* televisiva, que “tenho aprendido muito com os meus filhos” (*Caras*, 27/9/2008). A maternidade funciona assim como o derradeiro elemento para a *persona* sensível, educada e formada, vinda de uma classe média intelectual assente em valores, se distinga das celebridades sem formação e mais orientadas por lucro fácil.

Dançar por boas causas

A campanha de “Apoio à redução da mortalidade materna e neonatal nas zonas de Oio e Gabu” (Guiné-Bissau) desenhou-se nos moldes da estratégia habitual de Catarina Furtado enquanto Embaixadora de Boa Vontade, começando com um evento

mediático para angariação de fundos, no programa “Dança Comigo”, um formato internacional que faz parte de uma vaga de *reality-shows* com celebridades, dando a conhecer outra faceta das mesmas ao convidá-las a dançar com bailarinos profissionais. Este era “um daqueles formatos perfeitos onde se consegue aliar grande entretenimento e qualidade” (*Caras*, 27/9/2008), que a apresentadora teve – orgulhosamente – que suspender devido à sua gravidez. Em Dezembro de 2006, tal como a *BBC* promoveu edições para angariação de fundos, a *RTP* dedicava praticamente toda a emissão de Domingo ao *Dança Comigo Especial por uma Boa Causa*, numa maratona televisiva de 12 horas com várias celebridades para angariar fundos para o FNUAP. A causa de desenvolvimento a que se apelava estava muito distante de um programa em que, da *matiné* para o *serão*, Catarina Furtado mudou de vestido e penteado, refrescando a imagem televisiva; onde as danças eram sobretudo de salão, europeias; em que os anúncios preliminares dos valores angariados eram feitos com grande entusiasmo, em tom de conquista partilhada pela apresentadora, participantes e público no estúdio. Contudo, o ambiente alternava entre o entusiasmo e os apelos sérios e responsáveis à “solidariedade dos Portugueses”, conseguindo-se angariar no final do dia €253.000. A estratégia de emocionar os espectadores e de lhes apresentar uma forma facilitada de ajudar parecia um triunfo não só da estratégia de Catarina Furtado, como dos próprios Portugueses, aclamados como solidários porque “só precisam de ser interpelados” a ajudar, dado que é um povo com níveis de associativismo relativamente baixos.

A campanha ganharia um entorno político e institucional quando o Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, João Gomes Cravinho, contribuiu com mais €250.000 em nome do Estado Português, através do Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento (IPAD). Estes fundos, como os angariados no “Dança Comigo” pela *RTP*, seriam entregues ao FNUAP, em Maio de 2007, aquando da visita a Portugal da sua Directora Executiva, Thoraya Ahmed Obaid, numa cerimónia que constituiu mais um momento de divulgação, enquadrando o donativo dos espectadores da *RTP* como o maior contributo de sempre de Portugal ao FNUAP. Os fundos seriam entregues “num único projecto num país lusófono, a ser selecionado conjuntamente pelo FNUAP, Catarina Furtado e o Secretário de Estado”³, o que colocava a apresentadora num papel de agência.

A divulgação progressiva da campanha da Guiné-Bissau surgiu em entrevistas que Catarina concede (*Diário de Notícias*, 16/5/2008) ou através do rumor de que po-

3. In <http://www.unfpa.org/news/news.cfm?ID=980>, consulta em 12-Nov-2008.

deria encontrar-se com Angelina Jolie ou, em sua representação por estar (também ela) grávida, do marido, Brad Pitt (*Expresso*, 7/6/2008). O facto de tal não ter acontecido (*VIP*, 30/7/2008) torna-se acessório e não altera o de que Catarina Furtado goza de um estatuto único que a aproxima das maiores celebridades globais, como já aparecera nos seus encontros com outros Embaixadores (*Caras*, 10/11/2001; *Expresso*, 2/4/2005). Como Jolie, Furtado explora a imbricação dos discursos da gravidez/maternidade, casamento, carreira e activismo (agendando as acções como Embaixadoras para intervalos entre projectos profissionais), razão por que os jornalistas a confrontam ciclicamente com a questão sobre se pretende adoptar alguma criança de um país em desenvolvimento, como aquela actriz e Embaixadora (*Correio da Manhã*, 16/5/2008; *Sol*, 27/9/2008), numa a fusão definitiva dos seus papéis de mãe e de cuidadora de outros (Macdonald, 1995).

A Guiné-Bissau foi escolhida por ser a mais pobre das ex-colónias portuguesas e o último país no Índice de Desenvolvimento Humano das NU, com um dos maiores riscos de morte materna e infantil. O projecto dotaria as zonas daquele país com maior incidência do problema, no âmbito do quinto Objectivo de Desenvolvimento do Milénio (ODM), que estabelece como meta para a melhoria da saúde materna a redução em três quartos, entre 1990 e 2015, da taxa de mortalidade materna. Numa África Ocidental maioritariamente francófona, a diversidade étnica e o subdesenvolvimento económico não permitiram ainda a estabilização política, sucedendo-se os golpes de Estado, como aconteceu em Março de 2009 com o duplo assassinato do Presidente João “Nino” Vieira e do General Na Waié.

Embora Catarina Furtado tente comunicar a urgência da ajuda à população materno-infantil da Guiné-Bissau, na complexidade da situação daquele país, da qual os problemas de mães e crianças são um sinal, essa mensagem imiscui-se com outras nas peças geradas a partir da campanha. Além do rumor sobre o encontro com Jolie ou Pitt, uma semana antes da sua partida, pretendendo colocar a primeira viagem à Guiné-Bissau nas páginas das revistas semanais de sociedade e televisão, Catarina Furtado convidou os jornalistas para uma conferência informal onde se fez acompanhar pela mãe (que, como se referiu, ela responsabiliza pela sua sensibilidade para a diferença). Uns destacam mais uma vez os riscos e sacrifícios pessoais que a Embaixadora de Boa Vontade corre (“Catarina enfrenta surto de cólera” – *TV Guia*, 16/7/2008; “Apresentadora estará em sítios sem água e luz” – *Correio da Manhã*, 18/7/2008), enquanto outros seguem mais o comunicado oficial e referem informações sobre o projecto e a origem dos fundos (*Destak*, 31/7/2008), que aconteceram

ano e meio antes. Catarina Furtado promove também a sua viagem numa entrevista com produção de moda à *Caras*, motivada pelo fim das quatro edições do programa “Dança Comigo” e pela renovação do contrato com a *RTP*. Fotografada em provas de vestidos de gala, jóias, sapatos, com o seu estilista, cabeleireira e maquilhadora pessoais (19/7/2008), a sua “felicidade como mulher, mãe e profissional” é percorrida ao longo da entrevista, na qual a campanha da Guiné surge como parte da oportunidade que a *RTP* lhe dá de “fazer programas que me permitem falar em nome dos que não o podem fazer” e juntar “o meu trabalho em televisão com o de embaixadora do UNFPA” [sic].

Em contraste com este *glamour*, o FNUAP, em comunicado para os media portugueses durante a viagem à Guiné-Bissau, destaca, logo na entrada, que, “de *jeans* e *t-shirt*, uma das mais famosas actrizes e personalidades de televisão de Portugal pôs o primeiro tijolo na obra da unidade cirúrgica de maternidade” em Gabu⁴. É “uma faceta menos glamourosa e mais humana, terra-a-terra mesmo, da mulher do actor João Reis” (*Destak*, 31/7/2008), religando as várias dimensões da sua celebridade.

No regresso, ao promover o seu programa da *rentrée* televisiva, Catarina Furtado volta a envolver trabalho, diplomacia e família quando confessa que “a minha vida mudou radicalmente com o que vi na Guiné. (...) Vi coisas horríveis. Vi bebês a morrer nos meus braços”, mas que “volto com um sorriso maior porque venho a dar mais valor àquilo que tenho” (*Sol*, 27/9/2008). O seu activismo é novamente relacionado quer com a sua educação familiar (*Caras*, 27/9/2008), quer com a sua experiência de maternidade: diz contar aos seus filhos “as histórias do mundo”, “para que se sintam impelidos a ajudar os outros” (*Sol*, 27/9/2008), como afirmara antes de partir: “as histórias que trago e partilho (...) vão ajudá-los a crescer com a noção correcta da realidade e das injustiças sociais” (*Caras*, 19/7/2008).

A divulgação do documentário, “Dar Vida sem Morrer”, apesar do apoio institucional da CPLP, que acolheu a conferência de imprensa, continua a centrar-se em Catarina Furtado como protagonista e heroína do projecto (“Catarina ajuda mães da Guiné” – *Correio da Manhã*, 18/2/2009; *Sapo Fama*, 18/2/2008; *RTP*, 15/2/2009). Transmitido nos vários canais da *RTP*, o documentário pretende mais uma vez informar e comover a audiência, entrecortando casos de mulheres e crianças doentes; entrevistas a médicos, enfermeiros e pessoal humanitário; e indicadores do subdesenvolvimento do país. Mostrando como a falta de electricidade, de meios financeiros, técnicos

4. “Goodwill Ambassador Catarina Furtado Lays the Foundation for Improved Maternal Health in Guinea-Bissau”, www.unfpa.org, 25/7/2008, consulta em 12-Nov-2008.

e humanos e estradas impraticáveis colocam mulheres e crianças em risco de vida, retrata várias mortes de crianças e mães que acontecem aquando da sua visita, mas rejubila em pequenos sucessos. Como Furtado reconhecia (*Sol*, 27/9/2008), explorar o sofrimento dos outros é de certa forma necessário para conseguir chegar aos Portugueses e sensibilizá-los de modo a que ajam e contribuam. Contudo, as imagens de seios das mulheres e dos rostos de crianças muito doentes vêem-se no documentário *destes* outros, os guineenses, mas não em documentários anteriores em Portugal.

Catarina Furtado é recebida pela ministra da Saúde guineense, Eugénia Araújo, com quem lança a obra do projecto, a quem questiona, ligando também as dimensões políticas quase como extensão da maternidade e cuidado pelos outros: “como mãe, mulher e ministra, como se sente a ver isto?”, mas a quem não confronta, porque este não é um país africano com riqueza mal distribuída, mas um país profundamente pobre. Segundo a ministra, a origem deste quadro é cultural: casamento forçado e precoce, poligamia, mutilação genital feminina, mentalidades que só mudam com educação. No entanto, 80% da população é analfabeta, mostrando a falibilidade do motivo que leva Catarina a agir nos PALOP em nome do FNUAP: a maioria não fala Português porque não frequenta a escola, mas apenas os dialectos das suas etnias, o que explica que a Embaixadora tenha que se fazer acompanhar por intérpretes para falar com as mulheres guineenses nas maternidades.

A acção da Guiné foi também incorporada na primeira biografia sobre a celebridade, transmitida na véspera no canal *Biography Channel* (25/2/2008). Na verdade, a adopção do lema do FNUAP como título da biografia – “Catarina Furtado - Porque Cada Pessoa Conta” – simboliza a dimensão em que o papel de Embaixadora de Boa Vontade é uma parte fundamental na biografia desta celebridade, não de forma plástica, mas enraizada na sua *persona* sensível, maternal e activista.

Conclusão

Catarina Furtado referiu ciclicamente que “sempre quis ser mãe” (*Vogue*, 05/2006) e “desde criança que sei que tenho um lado muito maternal” (*Elle*, 10/2007), que ter filhos era sua vontade (*Caras*, 10/11/2001), expôs a sua gravidez e reflectiu sobre a sua experiência de maternidade nas entrevistas que concede e no próprio trabalho televisivo (“Dança Comigo”) e de Embaixadora (“Príncipes do Nada”), sensibilizando também para a importância da amamentação (*Sapo Fama*, 12/12/2007). É assim que o

projecto de ajuda à saúde materna e neonatal da Guiné-Bissau se cola a toda a personalidade e carreira daquela que foi escolhida como Embaixadora de Boa Vontade para o FNUAP no espaço lusófono: a formação de dança, o talento de apresentação, o humanitarismo por educação. A sua sensibilidade e o seu espírito maternal parecem expandir-se da sua intimidade para o papel de Embaixadora, reforçando a sua feminilidade e cuidado pelos outros mas acentuando ainda mais o contraste entre a sua maternidade, planeada, segura (que ela decidiu pôr em risco na sua actividade como Embaixadora) e feliz, e as condições de maternidade na Guiné-Bissau e nos países em desenvolvimento abrangidos pela sua acção.

Assim, embora tenhamos que reconhecer a “relevância da cultura popular para abrir o campo político” (Van Zoonen, 2004: 145), temos que começar por questionar, num primeiro nível, “o acesso diferenciado dos actores à esfera pública” (Silveirinha, 2007: 76), pelo qual os media ampliam e privilegiam a notoriedade de figuras que já a têm, deixando largamente silenciadas as vozes “anónimas”. Além disso, um segundo nível da questão prende-se com avaliar se a campanha activista, colando-se à narrativa de celebridade de Catarina Furtado nas várias dimensões que temos vindo a descrever, tem possibilidade de politizar o debate e lançar temas mais vastos sobre as condições de maternidade, envolvendo questões biológicas e sociais, a um nível macro, como o planeamento familiar, sexualidade e doenças sexualmente transmissíveis, amamentação, independência financeira, conciliação entre trabalho e maternidade, condições de saúde e infra-estruturas, apoios do Estado, etc. Argumentamos que, ao fazer uso dos meios secundários, como revistas de sociedade e televisão e programas de auto-promoção televisivos, para a promoção do seu trabalho diplomático com um discurso baseado na sua própria *persona*, a capacidade de Catarina Furtado para promover uma agenda política em torno da saúde materna é não só bastante limitada em termos de actuação política como em termos dos segmentos da opinião pública a que chega. Por outras palavras, muito embora não possamos restringir as audiências desse tipo de programas e suportes apenas a mulheres (Lumby, 1999), o seu discurso eminentemente emotivo, alimentado e adaptado pela própria celebridade, ela própria conotada com o feminino, não faz expandir o debate para o domínio público e mais vasto, projectando-o com um assunto sobretudo relativo a mulheres, principais audiências desses meios, e não como um assunto político para toda a população.

Mais ainda, a diplomacia das celebridades pode estar a retirar espaço à comunicação de outros agentes e outras organizações, empenhados em causas diferentes,

pressionando-as também a converter-se a uma comunicação não só assente na personalização mas também baseada nas celebridades. Isso significa que não só para os mercados “domésticos” a eficácia das mensagens pode ser questionada, como o é – prova-o a acção da Guiné-Bissau de Catarina Furtado – nos países em desenvolvimento. Como em poucas outras situações, o trabalho de Embaixador coloca em co-presença situações diametralmente opostas: sucesso, riqueza e felicidade de uma celebridade de um país do Norte com pobreza, instabilidade e doença de mulheres comuns de países do Sul. Estas vidas em confronto, argumentaríamos, fazem parte de um mesmo sistema cultural ocidental, individualista, que elabora distinções e reconhecimentos, sobre qual assenta todo o edifício da cultura das celebridades (Marshall, 1997), mas que não encontra ressonância noutros sistemas culturais.

A acção de Catarina Furtado enquanto Embaixadora tem sido central também na contaminação à cultura nacional das celebridades, em que cada vez mais surgem ligações a causas enquadradas como “de solidariedade”, o que contribui para disseminar discursos das celebridades de culturas globalmente predominantes, como a norte-americana e a britânica, para as culturas intermédias, tornando a solidariedade como “obrigação”, o que eventualmente leva a uma saturação e banalização dessas práticas. Enquadradas como ajuda à solidariedade em que as celebridades emprestam a sua fama para chamar a atenção, estas acções não confrontam as causas e replicam formas de pensar o combate às desigualdades globais, perpetuando o discurso da *compaixão* e não promovendo um enquadramento pelos *direitos* e pela *justiça* (Littler, 2008). Por outras palavras, o enquadramento emocional e situado das campanhas de ajuda dificilmente levanta as questões políticas do desenvolvimento, algumas das quais precisamente as ligações culturais e históricas sobre que assenta a acção dos Embaixadores, nem tão-pouco questiona a escassa ajuda ao desenvolvimento por parte do antigo colonizador. Embora Catarina Furtado tente promover em discurso próprio as causas da situação da saúde materna na Guiné-Bissau, os discursos secundários despoletados por si nas revistas de televisão, jornais e revistas de sociedade tendem a centrar-se na sua figura como o centro da acção, como extensão natural da sua sensibilidade, feminina, de olhar pelos outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alleyne, M. D. (2005), The United Nations' Celebrity Diplomacy, SAIS Review XXV(1): 175-185
 Cooper, A. (2008), Celebrity Diplomacy, London: Paradigm Publishers
 Gamson, J. (1994), Claims to Fame: Celebrity in Contemporary America, Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press.

- Langer, J. (2006), Television's 'personality system'. In *The Celebrity Culture Reader*, ed. P. David Marshall, New York/London: Routledge.
- Littler, J. (2008), "I feel your pain": cosmopolitan charity and the public fashioning of the celebrity soul, *Social Semiotics* 18(2): 237-251.
- Lumby, C. (1999), *Gotcha: Life in a Tabloid World*, Australia: Allen & Unwin
- Macdonald, M. (1995), *Representing Women: Myths of Femininity in the Popular Media*, London: Edward Arnold.
- Marshall, P. D. (1997), *Celebrity and Power: Fame in Contemporary Culture*, Minneapolis/London: University of Minnesota Press
- Pinto, J. F. (2005), *Do Império Colonial à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa: Continuidades e Descontinuidades*, Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros.
- Santos, B. de S., Ed. (1993), *Portugal: um Retrato Singular*, Porto: Edições Afrontamento
- Street, J. (2001), *Mass Media, Politics and Democracy*, Houndmills/Basingstoke/ Hampshire/New York: Palgrave.
- Turner, G., F. Bonner, P. D. Marshall (2000), *Fame Games: The production of celebrity in Australia*, Australia: Cambridge University Press.
- Van Zoonen, L. (2005), *Entertaining the Citizen: when politics and popular culture converge*, Lanham, MD: Rowman & Littlefield.

Media

- Activa* (6/2006). (S/título de capa), p. 1 e s/p.
- Biography Channel* (25/2/2009). "Catarina Furtado – Porque Cada Pessoa Conta", 50 min.
- Caras* (10/11/2001). "Catarina Furtado: Embaixadora de Boa Vontade da ONU namora há cinco anos com João Gil", p. 1 e s/p.
- Caras* (19/7/2008). "A felicidade de Catarina Furtado como mulher, mãe e profissional", s/p.
- Caras* (27/9/2008). "Catarina Furtado: 'Tenho aprendido muito com os meus filhos'", pp. 1 e s/p.
- Caras* (23/1/2009). "Gosto de me arranjar e já passei esse ritual à minha filha", in <http://aeiou.caras.pt/Famosos/TV/Pages/catarinafurtadogostodemearranjarejapasseieesseritualaminhafilhaextenso.aspx>, consulta em 25-Jan-2009.
- Correio da Manhã* (18/7/2008). "Catarina voa para Bissau – Apresentadora estará em sítios sem água e luz", pp. 1 e 42.
- Correio da Manhã* (31/10/2008). "Catarina: 'Maternidade deixou-me atenta'", p. 48.
- Correio da Manhã* (18/2/2009). "Catarina ajuda mães da Guiné", in <http://www.correiodamanha.pt/noticia.aspx?channelid=00000092-0000-0000-0000-000000000092&contentid=A7BE77FC-3D2E-4AF5-B878-77A57A561FDA>, consulta em 3-Mar-2009.
- Destak* (31/7/2008). "Dança com África", p. 9.
- Diário de Notícias* (16/5/2008). "Nunca apresentaria um reality show", in *Notícias TV*, pp. 72-75.
- Elle* (10/2007). "O papel principal", pp. 1 e 204-209.
- Expresso* (2/4/2005). "Por uma Boa Causa", in *Única*, pp. 26-30.
- Expresso* (7/6/2008). "Catarina vai estar com Brad Pitt", in *Única*, p. 9.
- Máxima* (12/2006). "Deslumbrante! Catarina Furtado mais sedutora que nunca", pp. 1 e 76-83.
- Rádio Renascença* (16/1/2008). "António Sala entrevista Catarina Furtado", 53 min. In <http://www.rr.pt/programasDetalle.aspx?ContentId=233048&AreaId=13&SubAreaId=123&ZonId=>, 13-Abr-2009.

- RTP (1/2/2008). “Sexta à Noite”, entrevista por José Carlos Malato.
- RTP (15/2/2009). “Catarina Furtado no Biography Channel”, in “Só Visto”, 3’10”, in <http://videos.sapo.pt/Alq2jz9vVg9Oo2Lrj2ZG>, consultado em 15-Abr-09.
- RTP (26/2/2009). “Dar Vida Sem Morrer”, 53 min. Aatoria: Catarina Furtado/Até ao Fim do Mundo.
- Sapo Fama (12/12/2007). “Catarina Furtado: a mamã que dá de mamar”, in http://fama.sapo.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=272&Itemid=68, consulta em 10-Abr-2009.
- Sapo Fama (18/2/2008). “Catarina Furtado ajuda mães da Guiné-Bissau”, in http://fama.sapo.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=3389&Itemid=17, consulta em 13-Abr-2009.
- Sol (27/9/2008). “As missões de Catarina”, in *Tabu*, pp. 1 e 30-38.
- TV Guia (18/7/2008). “Catarina enfrenta surto de cólera”, s/p.
- VIP (30/7/2008). “Catarina Furtado esteve na Guiné em missão solidária – Brad Pitt não foi, mas João Reis não falhou o acolhimento à mulher”, p. 28.
- Vogue (05/2006). “Catarina Furtado: o rosto da felicidade”, pp. 1 e 148-153.